

A VIAGEM

Fernanda Corrêa Garcia¹
fe.correa.garcia@gmail.com

Depois de ter passado o feriadão no Rio de Janeiro, em um congresso do curso, já não aguentava mais tudo aquilo. Queria minha casa, minha cama. Além do conto que eu tinha que escrever. Mais essa!

Bom... Peguei o avião de volta para Floripa e depois pegaria um ônibus para a minha cidade.

Durante a curta viagem de avião, mesmo assim, tentei começar a escrever o tal conto...

Foi então, que o senhor que estava sentado ao meu lado perguntou:

- Gosta de escrever?
- Bom... Gosto mais do que ler...
- E o que está escrevendo?
- Um conto sobre o livro que li... Esse livro aqui...
- Conheço esse livro. Gostou do livro?
- Bom... É interessante. É a nossa história. Na verdade lembrei meus

tempos de escola, com relação à história de Santa Catarina e também fiquei sabendo muita coisa sobre a Guerra do contestado, que antes não prestara atenção. A gente sempre aprende alguma coisa lendo. Mesmo não adorando, a gente aprende.

– Sim... Mas você diz que não adora ler, é porque não encontrou ainda o verdadeiro prazer da leitura.

– É... Pode ser. Só que tenho que fazer um conto, como se estivesse falando com o autor do livro, sabe? Mas não sei como começar. Como vou saber o que ele pensa sobre o livro, que ele mesmo escreveu?

– Eu posso colocar umas ideias no papel e depois você adapta no seu conto, que tal?

¹ Graduada e Especialista na área de Letras Português/Espanhol (UNESC); Técnica em Assuntos Educacionais – Instituto Federal de Santa Catarina Câmpus de Tubarão.

– Eu ficaria muito grata.

Depois de alguns minutos, a aeromoça comunicou que a viagem chegara ao fim. Foi então que o senhor falou:

– Bom... Menina, tenho que correr, porque tenho que chegar a outra cidade hoje. Espero que tenha lhe ajudado de alguma forma.

– Espere senhor! Nem sei seu nome...

– Deixei no rascunho.

Quando fui ler o rascunho das ideias, vi no cantinho da folha os seguintes dizeres: “ A obra de um autor só se torna válida, quando consegue se comunicar com gerações futuras” Com carinho. Guido Wilmar Sassi.

Então percebi como a viagem foi curta.